

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A MÚSICA RELIGIOSA PATRIMONIAL DE GUIMARÃES.

MAGALHÃES, Eduardo

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

Como citar este documento:

MAGALHÃES, Eduardo, A música religiosa patrimonial de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 185-202.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A MÚSICA RELIGIOSA PATRIMONIAL DE GUIMARÃES

Eduardo Magalhães¹

Resumo

As memórias musicais do Guimarães dos séculos XVIII, XIX e inícios do séc. XX, particularmente de cariz religioso, jazem armazenadas em algumas instituições e, com exceção da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em nenhuma delas se ouviram no tempo em que ainda não eram memórias.

Nesta viagem patrimonial que aqui se apresenta, estes documentos musicais (fragmentos, partituras e livros) repartem-se pelo Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Museu Alberto Sampaio, Sociedade Martins Sarmento, Real Colegiada de N^a Sra. Da Oliveira e Seminário Conciliar de Braga. Serviram duas grandes instituições religiosas da cidade, a Real Colegiada de N^a Sra. da Oliveira e o Mosteiro de Santa Marinha da Costa. A história separou-as e repartem-se hoje pelas instituições referidas. Este artigo destaca alguns documentos musicais que o autor considera relevantes de entre o espólio patrimonial arquivado, do mais antigo (Arquivo Municipal) ao mais recente (Arquivo Municipal e Sociedade Martins Sarmento).

Palavras-chave: Património musical; Fragmentos Musicais; Livros de Coro; Pequeno Seminário da Oliveira; Museu Alberto Sampaio; Arquivo Municipal; Sociedade Martins Sarmento.

Por defeito, pensam-se os fundos musicais depositados em grandes arquivos nacionais como os de Lisboa, Coimbra, Porto e mesmo Braga, esquecendo que a música se cantou pelo país inteiro e os vestígios desta história terão que existir em vários lados e não obrigatoriamente só nos centros arquivísticos de maior volume, pese embora a recolha centralizadora de Alexandre Herculano, ao monopolizar para Lisboa a documentação mais antiga do País. Vilas de menor importância hoje, tiveram, nos seus mosteiros, uma vida religiosa rica e participada, onde a música, sublimada como a melhor forma de louvor a Deus, detinha, se não primazia sobre outras artes, pelo menos estatuto semelhante.

¹Musicólogo. Sócio da Sociedade Martins Sarmento - magalhaes.eduardoa@gmail.com

Pintores de boas escolas quinhentistas, como a do Espinheiro, em Évora, decoraram as letras capitais de livros em uso nessas comunidades, fossem livros de coro ou outros. Pode encontrar-se Frei Simão, contemporâneo do pintor quinhentista Frei Carlos a «assinar» um livro de coro guardado no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

Marginalizada durante muito tempo como uma arte diferente das que, ainda hoje, são chamadas de arte (pintura, escultura, arquitectura) um passado recente trouxe, de novo, a música para dentro do ensino universitário e, por arrastamento, uma ligação estreita com a investigação musicológica, facilitando assim a descoberta de espécimes esquecidos no tempo. O autor é disso testemunha privilegiada quando, em 1998, o mestrado lhe proporcionou o conhecimento de 17 livros de coro medievais, adormecidos no Museu Alberto Sampaio e Arquivo Municipal e, posteriormente, na Sociedade Martins Sarmento. A sua motivação para busca e valorização deste e de outro património musical local começou a partir daí, até hoje.

Guimarães possui nos arquivos mencionados, a que se pode acrescentar o da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, códices musicais que percorrem a pré-nacionalidade e todos os períodos que se lhe seguiram. Os mais antigos, em fragmentos no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, pertencem ao século XII. Também se pode encontrar polifonia dos séculos XVIII e XIX de compositores portugueses ligados ao Real Seminário da Patriarcal, como Baldi ou José Joaquim dos Santos e compositores de relevo europeu como Domenico Scarlatti e David Perez, ambos mestres da capela real portuguesa. Também existem compositores vimaranenses ou a viver na cidade durante algum período da sua vida, como Inácio António de Almeida e Francisco Sá de Noronha, entre outros.

Nesta valorização patrimonial, deve considerar-se que a música de que aqui se fala foi composta com um único objectivo, o de servir o culto cristão, seja em livros de cantochão, seja em obras polifónicas. E Guimarães pode orgulhar-se de ter escutado música do melhor que se compunha e se ouvia em Portugal, com compositores de uma das grandes escolas do século XVIII, o Real Seminário da Patriarcal, onde ensinaram

e compuseram nomes de relevo como José Joaquim dos Santos, Luciano Xavier dos Santos ou Francisco Santos Pinto, entre outros.

Os contextos sociais e religiosos transformaram-se no decorrer da história, particularmente a partir da segunda metade do século XX. O Concílio Vaticano II, com as suas grandes reformas, permitiu mudanças significativas nos ritos do culto católico, especialmente ao abri-lo às línguas vernáculas, abandonando o secular latim. Ao abandonar-se o latim, também o cantochão (ou gregoriano) perdeu o seu lugar cimeiro e, aos poucos, acabou minorizado.

O mercado de trabalho moderno impôs um ritmo à sociedade que a obrigou a alterar muitos dos seus hábitos culturais e/ou religiosos. O descanso semanal ao domingo, por exemplo, já quase se considera um luxo para uma grande parte da população. A própria Sexta-Feira Santa, num país de cultura ocidental assente no catolicismo, já se não observa como dia dedicado à morte de Cristo, embora se mantenha como feriado (dia santo) católico. Os grandes meios de comunicação modernos também motivam e justificam uma vida mais apressada, onde o tempo não está tão disponível como outrora, antes desta revolução tecnológica. As pessoas vivem mais apressadas onde os mais velhos viviam mais descansados.

Assim, as grandes músicas que se ouviram por séculos consecutivos nos grandes templos, como a Real Colegiada de Guimarães, o Mosteiro de Santa Marinha da Costa ou a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, acompanhadas pelos seus órgãos continuamente afinados e activos ou por orquestras de dimensões variadas, foram caindo lentamente em desuso, acabando algumas por desaparecer, outras indo repousar em estantes dos arquivos ou guardadas pelos seus responsáveis de então, fossem os mestres-capela ou os próprios organistas².

É uma questão que se pode levantar sobre o paradeiro do património musical das várias instituições religiosas, das quais sobressaem a Venerável Ordem de S. Francisco e o Convento Dominicano, ambos fundados em Guimarães no século XIII. Até hoje, de S. Domingos, não chegou qualquer conhecimento de repertório religioso antigo guardado

² Um das colecções musicais de relevo guardadas na Sociedade Martins Sarmiento foram oferecidas por João Lopes Faria, último organista da Real Colegiada.

neste convento. De S. Francisco, tão pouco. Poderá ter sido retirado durante o período liberal do século XIX, quando foi decretada a extinção de conventos e mosteiros. S. Francisco possui alguns livros de cantochão, mas em notação mais recente, do século XIX ou mesmo dos inícios do século XX e uma grande missa composta para esta Venerável Ordem por Manuel Augusto Gaspar³. Os documentos musicais conhecidos não revelam, com poucas exceções, onde serviram, de onde vieram, quem os compôs...

E é uma viagem corrida sobre algumas referências a este património que se propõe, numa selecção de obras identificadoras de alguma importância no panorama musical português. A história da música não pode ser apenas vista e analisada na perspectiva dos grandes vultos que se demarcaram e iniciaram ou encerraram os períodos em que a dividimos. Uma montanha só se ergue a partir de planícies ou planaltos. Só há genialidade, porque há normalidade. E foi gente normal que compôs música que se cantou e tocou ao longo de séculos, muita dela perdida para sempre, mas alguma, atravessando os tempos, chegou até hoje e há que preservá-la, acarinhá-la e (porque não?) fazê-la ouvir novamente.

Património medieval

1. Fragmentos Musicais

Numa introdução à vida musical em Guimarães, é obrigatória a passagem pelos séculos medievais que se documentam nos fragmentos existentes no Museu Municipal Alfredo Pimenta e na Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, identificados na quantidade pelo padre Avelino de Jesus da Costa, uma referência paleógrafa portuguesa e responsável por uma pesquisa a nível nacional de documentos musicais medievos. Fez a sua pesquisa quase em simultâneo com a de outra grande figura que, embora francesa, não deixa de ser um nome incontornável na história da música religiosa medieval portuguesa,

³ Músico, maestro e compositor militar da 2ª metade do séc. XIX (1843-1901). Também foi ele quem conferiu, em Lisboa, a correcta afinação dos 13 sinos do carrilhão construídos para a Igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, inaugurados em 28 de Maio de 1875. (Magalhães e Cachada, 2014:346)

Em tempo que outros códices já aparecem com notação musical em mais do que uma linha (Arouca, dos inícios do século XIII, escreve em quatro linhas), os de Guimarães aparecem notados só em uma linha. A notação musical é do sul de França, conhecida como aquitana, e é a que Solange Corbin apelida de «notação musical portuguesa», pela característica de uma nota losangular que definia o intervalo de meio-tom (Corbin, 1952:251). Para além de uma linha só, também existem fragmentos mais recentes com música em quatro e cinco linhas.

Os dois exemplos destes fragmentos (Fig. 1 e Fig. 2), um deles revela estragos já irrecuperáveis e um outro ainda em condições aceitáveis. Para acautelar essa deterioração constante que o manuseio descuidado lhes inflige, deveriam, com muita urgência, ser separados dos maços notariais. Haja vontade para isso, que é mais política que arquivística!

2. Livros de Coro

São livros de média e grande dimensão que se podem consultar em 4 instituições da cidade: Museu Alberto Sampaio, Arquivo Municipal de Guimarães, Sociedade Martins Sarmento e Arquivo da Real Colegiada de Guimarães⁷.

Nesta exposição, reportam-se apenas os livros do serviço litúrgico com música e em pergaminho, datados de meados do século XVI e princípios do séc. XVII. Alguns deles, os do Museu Alberto Sampaio, foram identificados e sumariados em 2001, em tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Ficaram por referir, nesse trabalho, os das outras três instituições. Este conjunto do Museu foi dividido em dois grupos: Colegiada de Guimarães e Mosteiro de S. Marinha da Costa. O conjunto que serviu S. Marinha da Costa compreende livros com fólios em pergaminho mais fino, de escrita mais cuidada e mais bem iluminados que o conjunto da Colegiada.

Santa Marinha da Costa, um mosteiro de obediência dos cónegos regantes de Santo Agostinho, veio a tornar-se mosteiro jerónimo na segunda década do século XVI, um entre os muitos que esta ordem instituiu. A razão pode prender-se com o particular realce deste período

⁷ E um exemplar no Paço dos Duques de Bragança, com carimbo do Museu Machado de Castro de Coimbra (*Kirial* misto).

inicial Jerónimo, por quase coincidir com o estabelecimento de estudos gerais neste mosteiro, onde estudaram duas figuras reais, embora de origem bastarda: D. Duarte e D. António, respectivamente filho e sobrinho de D. João III. D. Duarte veio a ser arcebispo de Braga durante mais ou menos um ano, em 1542, e D. António, futuro prior do Crato, reivindicaria o direito sucessório ao trono, após o desaparecimento de D. Sebastião.

Um dos exemplares mais vistosos, repartido por dois livros, regista o copista e o seu iluminador: António Pais de Coimbra e Frei Simão, professo do Convento de N. Sra. do Espinheiro, em Évora, este último, contemporâneo do pintor frei Carlos, uma referência da arte religiosa quinhentista.

Estes livros, mais ou menos conservados, alguns com fólios rasgados e retirados sem qualquer respeito pelo conteúdo, um ou outro prejudicado pela humidade ou voracidade dos insectos, resistem ainda à espera de um estudo musicológico mais cuidado no que se refere ao seu conteúdo nas vertentes litúrgica e musical.

O mais antigo exemplar deste conjunto vimaranense encontra-se na biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, com o copista e o iluminador perfeitamente identificados. António Pais de Coimbra e Frei Jorge de Santarém, este último, prior do mosteiro da Costa nos anos 1533 a 1535. É um *Antifonário*⁸ Temporal.

Este facto e o grande relevo do Mosteiro de Santa Marinha nesse final da primeira metade do século XVI levantam uma probabilidade aceitável que aí pudesse ter existido um *scriptorium* que permitisse a elaboração destes e de outros livros para o serviço da instituição. Para já, é o único elemento conhecido que pode apontar para esta possibilidade.

A Sociedade Martins Sarmento possui ainda mais dois exemplares destes livros de Coro: um Antifonário onde sobressaem os Ofícios das Horas dos dois patronos do Mosteiro de Santa Marinha da Costa: o de S. Jerónimo e o da própria Santa Marinha, conteúdo que prova, sem quaisquer dúvidas a proveniência do códice.

O terceiro exemplar contém Salmos para as Matinas do Tríduo Pascal, sem música (Saltério).

⁸ Livro cujo conteúdo são as Antífonas do Ofício das Horas. Se for relativo às quadras litúrgicas (Advento, Epifania, Quaresma, Páscoa, Pentecostes e Tempo Comum) toma o nome de Antifonário Temporal. Se o conteúdo for o dos ofícios do calendário dos santos, chama-se Antifonário Santoral.

O arquivo da Colegiada de Guimarães, deste período medieval e em pergaminho, possui poucos exemplares, a saber: um Passionário em cantochão figurado⁹; um Antifonário com os Responsórios do Tríduo Pascal e um terceiro exemplar, misto, com o Ofício de Defuntos. Possui também, além daqueles, um conjunto de processionários de tamanho pequeno (individual).

O Paço dos Duques de Bragança guarda um livro de coro deste período (*Kirial* misto), com carimbo do Museu Machado de Castro, de Coimbra. Apresenta-se com o título *Missae et Cantica* (na capa final). É um livro com conteúdo único nos exemplares que se conhecem, uma vez que se reporta ao ordinário¹⁰ das Têmporas¹¹, apresentando os cânticos em vários tons e para os diferentes dias de têmporas (uma quarta, uma sexta e um sábado, em cada estação do ano). Tem também a curiosidade musical de conter um *Gloria* tropado, ou seja, com inserção de texto estranho no meio do texto litúrgico.

No que se refere à música polifónica deste período, em Guimarães, só existe em dois exemplares: num livro de coro do conjunto do Museu Alberto Sampaio onde aparece uma *Salve Regina* em polifonia (fabordão) e no *Passionário Polifónico de Guimarães*, actualmente um *ex-libris* da Sociedade Martins Sarmento, e que foi transcrito para notação actual pelo autor e por José Maria Pedrosa Cardoso, a quem pertence o estudo prévio desta edição patrocinada pela Fundação Guimarães. Embora fora de Guimarães, na Biblioteca Nacional, existem livros de coro que serviram o Convento de Santa Clara, que José Maria Pedrosa Cardoso apresentou em conferência, em 1996, no 2º Congresso Histórico de

⁹ A figuração do cantochão, para além de neumas (grupos de notas para uma só sílaba), não possuía figuras para indicarem durações diferentes. O cantochão figurado, como a própria designação indica, possui várias figuras com duração diferenciada.

¹⁰ A Missa cristã, musicalmente falando, divide-se em duas partes: O ordinário ou comum por se cantarem em todas elas (Kyrie, Gloria, Sanctus, Agnus Dei) e o Próprio que, como o nome indica são antifonas respeitantes e correspondentes à especificidade da missa em questão (Introitus, Graduale, Offertorius, Comunio).

¹¹ As Têmporas são ciclos litúrgicos de 3 dias (quarta, sexta e sábado) correspondentes ao final de cada estação do ano. Pode supor-se a sua origem nas festas romanas (festas da Messe ou da recolha dos produtos da terra), coincidentes com estes períodos, respectivamente, sementeiras, colheitas, vindimas e apanha da azeitona. Nestes dias, recomendava-se jejum e oração e no sábado fazia-se uma vigília, com missa, que substituíra a do Domingo. Para estes dias de Têmporas, existia um formulário litúrgico próprio (Jungman, 1962:207).

Guimarães, sob o título *O som místico do século XVI*. Um deles, o LC-59, para além de cantochão, contém a polifonia dos Bradados¹² da Paixão de Mateus (Domingo de Ramos) a quatro vozes, atribuídas ao grande compositor quinhentista D. Pedro de Cristo.

Pertencente à Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, existe também um exemplar do primeiro Passionário impresso em Portugal, de Diogo Fernandes Formoso, em cantochão figurado negro (a que faltam as seis primeiras folhas). Em todo o país, existem cinco exemplares deste Passionário.

Património dos Séculos XVIII e XIX

Guimarães possui uma quantidade que se pode considerar significativa de partituras musicais dos séculos XVIII e XIX cuja grande parte proveio, com quase certeza, de duas das maiores instituições religiosas da cidade, a Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e do Mosteiro de Santa Marinha da Costa. Sem se poderem considerar obras exclusivas ou de grande relevo musicológico, tem que se olhar para elas, no entanto, como documentos de uma vida musical pujante nestas instituições e não inferior à que se praticava noutros locais de culto de centros importantes do país, como Évora, Lisboa, Coimbra ou Braga. São códices antigos, com maior ou menor qualidade musical e importância musicológica, mas o certo é que fazem parte da história, e poderiam ser restituídos à sua funcionalidade original, pelo menos os de maior relevância ou importância na história local e musical. Nos momentos de maior festividade do calendário religioso, seja o temporal, fosse o santoral¹³, poderia caber uma reposição musical destes tempos ainda não tão longínquos da história actual. A maior parte deste repositório vimaranense é constituído por música vocal com acompanhamento a órgão.

¹² A Paixão de Cristo, o Evangelho de Domingo de Ramos, Terça e Sexta-Feira Santas (hoje somente o Domingo e Sexta-Feira) prevê uma leitura (canto) em três vozes distintas dialogadas: a do Narrador, a de Cristo e outras vozes (Sacerdotes, Pedro, Judas, Pilatos... e Povo. Quando se fala em Bradados ou Turbas está-se a referir aos ditos de mais que uma personagem a falar em simultâneo, como o Povo ou Sacerdotes.

¹³ Coexistem, na liturgia católica, dois calendários que se sobrepõem ao calendário civil: o calendário santoral faz corresponder a cada dia do calendário civil um ou mais santos. O calendário temporal divide o ano em quadras, sendo a primeira delas o Advento, quatro semanas antes do Natal. Segue-se a Epifania, Quaresma, Páscoa, Pentecostes e Tempo Comum que entronca, novamente, no Advento.

Pode dividir-se este espólio em três partes, correspondendo a cada uma a sua instituição.

1. Pequeno Seminário da Oliveira

À semelhança dos códices de Santa Clara, referidos atrás, também Braga possui património musical vimaranense. Guardado no seminário conciliar, encontra-se o espólio do que foi o Seminário da Oliveira, que além de formar seminaristas, também foi instituição de ensino público em Guimarães. Para uma melhor contextualização, leia-se Manuel Faria, na comunicação que fez no Congresso Histórico de Guimarães, em 1981:

“A oportunidade deste novo Congresso deu o alerta, e eis-me de novo às voltas com aqueles maços de papéis amarelecidos e poeirentos, enrimados a esmo, acusando os baldões da sorte que os levaram aos tombos de Guimarães para Braga, e ainda aí arrancados à pressa do incêndio do Seminário de S. Barnabé para as arrecadações do novo Seminário Conciliar ainda em obras – isto em 1936 – e, finalmente, acondicionados tal como se encontravam na nova biblioteca do mesmo Seminário” (Faria, 1981).

A extinção do Pequeno Seminário de Nossa Senhora da Oliveira em 1911, dando origem ao Liceu de Guimarães, permitiu que os documentos musicais que provinham do uso da Colegiada e em uso no seminário fossem parar a Braga, pelo menos uma boa parte, porque outros continuam em Guimarães, no seu Arquivo Municipal.

Deste conjunto arrumado em Braga, Manuel Faria, de uma lista de 11 compositores estrangeiros, destaca somente dois deles: o napolitano Luigi Bordèse que está representado com uma *Petite Messe Solennele*, a duas vozes e órgão, e o conhecidíssimo Charles Gounod de que existe, embora incompleta, a parte do órgão manuscrita, da Missa a cinco vozes. Manuel Faria destaca-os sublinhando a qualidade musical das suas composições.

Os responsáveis pela música do Pequeno Seminário preocupavam-se em se manter actualizados no que de melhor se ouvia musicalmente no país no que respeita a música religiosa. Assim, os compositores

nacionais estão largamente representados, destacando-se alguns nomes importantes no panorama musical deste período:

– José Joaquim dos Santos, da segunda metade do século XVIII e professor na instituição que antecedeu o Conservatório Nacional, o Real Seminário da Patriarcal, tem uma Missa a 12 vozes, para 3 coros.

– Manuel Faria inclui um nome muito conhecido na primeira metade do século XIX, nem sempre pelos melhores motivos, o Frei José Marques e Silva, de que se guarda uma Missa a quatro concertada e um *Te Deum*, instrumentado por outro compositor. Na sua fama, constava a qualidade de ser bom professor, mas muito dado à violência, segundo testemunho de alguns seus alunos, aqui também representados em obras, como Joaquim Casimiro Júnior e Xavier Migone.

– De Joaquim Casimiro, existem os Responsórios de Quinta e Sexta-Feira Santa para quatro vozes e órgão, faltando os de quarta-feira que ele considerava a sua melhor obra e de Xavier Migone, uma *Noa*, em partitura e partes vocais com acompanhamento a órgão. Xavier Migone viria a substituir Domingos Bomtempo na direcção do recém-formado Conservatório Nacional.

– Francisco Norberto dos Santos Pinto, da primeira metade do séc. XIX, foi professor no Conservatório Nacional. Dele, para além de outras obras, destacam-se os *Responsórios* de 4ª, 5ª e 6ª feira Santa.

– Outro nome deste espólio com alguma relevância nacional, mas de Coimbra, é o compositor José Maurício de que se guarda um *Miserere* a 3 vozes e órgão. Este compositor foi mestre-capela no Brasil, na corte de D. João VI, cargo que viria a repartir posteriormente com Marcos Portugal.

– De Guimarães, nascidos na cidade, o conjunto patrimonial apresenta dois nomes conhecidos: o padre *Inácio António de Almeida*, mais conhecido por abade de Penedono (Viseu), onde paroquiou algum tempo e que foi mestre-capela da Igreja da Colegiada entre 1790 e 1793. Faleceu em 1825. É de sua autoria uma *Missa de Requiem*, embora incompleta.

– Um outro nome é de uma família ilustre de músicos vimaranenses, os Varelas: *Jerónimo Xavier Varela*, embora passando a maior parte da sua vida em Ponte de Lima, deixou um grande conjunto de composições suas a um sobrinho e fazem parte do espólio guardado no Seminário.

E abreviando, para encerrar o espólio deste pequeno Seminário da Oliveira, refere-se mais um nome grande da música nacional, e com ligações a Guimarães, *Francisco Sá de Noronha* de quem guardam uma *Missa para a Festa do Coração de Maria*. Este violinista e compositor, nascido em Viana do Castelo mas criado e educado em Guimarães, teve direito a hino, composto pelo mestre da Banda do Regimento de Caçadores 7, *M. de Sousa Avidos*, com poema do visconde de Pindela, *João Machado Pinheiro Correia de Melo*, hino a que chamaram «Gratidão e Saudade». Esta obra poder-lhe-á ter sido oferecida e interpretada quando as principais famílias da cidade lhe organizaram um baile, em 30 de Maio de 1855, conforme relata João Lopes Faria nas suas *Efemérides*:

“As principais famílias desta cidade deram um esplêndido baile «ao seu e nosso compatriota» Francisco de Sá Noronha. Apesar do mau tempo concorreram 300 cavalheiros e 65 senhoras (...) O baile acabou às 4 horas, sendo Noronha acompanhado até à sua pousada (?) pela música de caçadores 7 e por grande número de cavalheiros: veio à janela agradecer os obséquios, de que era devedor, aos seus patrícios. - Correspondência d’ “A Concórdia”. Não diz onde foi dado o baile” (Faria, 1933:193v).

O compositor e violinista, nove anos mais tarde, viria de novo a Guimarães, desta vez para participar como convidado especial num espectáculo a favor de um artista vimaranense, o actor Abel, a 7 de Abril de 1864. Três dias depois, daria novo concerto, mas desta vez de despedida. É ainda Lopes Faria quem relata, muito crítico de algum público:

“Sá Noronha arrebatou os espectadores e o actor Abel representou com chiste e graça cenas cómicas, na última as quais, O Fotógrafo, teve os espectadores em contínua hilaridade. Tornou-se muito reparado que enquanto Noronha maravilhava e deliciava com o seu violino, os seus mágicos sons fizessem que um músico, tocador de rebeca, dormisse a sono solto e que as autoridades falassem e conversassem em voz alta no recinto do seu camarote”(Faria, 1933:19v).

Regressaria ao Brasil, onde já tinha trabalhado, aí falecendo em Janeiro de 1881.

2. Arquivo Municipal

Regressando à cidade e parando no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, encontra-se aí uma quantidade significativa de maços de Música, de compositores com nome afirmado na produção nacional, alguns já mencionados anteriormente, como Sá de Noronha e José Joaquim dos Santos, mas também outros de relevo como João Pedro Almeida Mota, António da Silva Leite ou António Leal Moreira, não esquecendo Domenico Scarlatti, entre muitos outros.

Mais que descrever as obras catalogadas, às vezes com algumas imprecisões na descrição do conteúdo, destacam-se uma razoável quantidade de música de David Perez, muito na moda nos finais do século XVIII e princípio do XIX, e algumas de compositores já mencionados atrás, até porque o espólio jacente neste Arquivo e o do Pequeno Seminário pertenceram ambos à Real Colegiada de Guimarães e algum a Santa Marinha da Costa.

Deste elenco patrimonial, sem depreciar as obras dos compositores expostos e aqui representados no conjunto musical, menciona-se um *Te Deum* de Domenico Scarlatti. A sua importância pode resumir-se em dois aspectos: primeiro, pelo valor deste compositor, mestre-escola na corte de D. João V e que iria acompanhar a infanta Maria Bárbara para Espanha, quando casou com o futuro rei Fernando VI; segundo, porque a obra, segundo sugere o musicólogo João Pedro Alvarenga (1997/98:95-132), apoiando-se em dois outros musicólogos (Kirkpatrick, 1953 e Boyd, 1986), poderia ter sido composta ou para o final do ano de 1721, ou para o que ficou conhecido como a «troca das princesas», na fronteira que o rio Caia estabelecia entre os dois reinos (concelho de Portalegre), em 1729: a princesa portuguesa Maria Bárbara e a espanhola Maria Ana Vitória de Bourbon, que contraiu matrimónio com D. José, também nesse ano de 1729. O *Te Deum*, se não foi composto para a ocasião, pelo menos deverá ter sido interpretado nesse acontecimento, bem como o salmo *Laetatus sum*¹⁴.

¹⁴ Salmo 122, da hora canónica de Vésperas.

Segundo Alvarenga, só se conhecem cinco exemplares desta obra vocal.

3. Sociedade Martins Sarmento

Passando ao lado, mas não desvalorizando, do espólio do arquivo da Colegiada de Guimarães, rico em livros impressos do século XVIII, é obrigatória a paragem na Sociedade Martins Sarmento, guardiã também ela de um razoável conjunto patrimonial de música. Possuidora, como também já foi referido, de livros medievais, guarda uma colecção de música polifónica situada nos mesmos séculos da do Arquivo Municipal, com obras de alguns dos mesmos compositores.

Ainda à espera de uma catalogação condigna e possível digitalização facilitadora da sua consulta, seleccionam-se, para esta exposição, umas poucas das muitas obras aqui conservadas.

As obras escolhidas estão encadernadas, mas existem Maços em caixas com outras músicas com valor, de onde, por exemplo, o autor transcreveu o Salmo *Nisi Dominus*, uma peça a três vozes com órgão *obligato* e interpretado pelo coro Vilancico na inauguração do restauro do órgão da Colegiada da Oliveira de Guimarães.

A primeira obra que aqui se apresenta é do mestre-capela David Perez que substituiu na corte Domenico Scarlatti, quando este se mudou para Espanha, no séquito da infanta Maria Bárbara. É um dos compositores bastante documentados no acervo do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Esta obra, para as *Matinas de Defuntos*, foi impressa sob a autorização de D. José, conforme se pode ler na Capa e onde também aparece o retrato do compositor. Veio para Lisboa em 1752, para professor das filhas de D. José.

Compositor da famosa escola napolitana, foi ele quem compôs a ópera *Alessandro nell'Indie* apresentada no famoso Grande Teatro da Ribeira, destruído sete meses após a sua inauguração, no Tsunami de 1755. Como escreve Ernesto Vieira, «toda a música religiosa de David Perez foi vulgaríssima entre nós durante muitos annos, e por isso ainda se encontram com facilidade numerosos exemplares d'ella»[1900:166]. A grande quantidade (grande em proporção com outros) do Arquivo Municipal comprova esta observação de Ernesto Vieira.

O segundo compositor é Francisco Norberto Santos Pinto, um professor do Conservatório Nacional representado num Credo a quatro vozes e orquestra, composto em 1857.

Sobre as suas qualidades de compositor, cita-se Ernesto Vieira¹⁵, que afirma:

“(...) quanto ao estilo, era decididamente italiano, da época de Donizetti e Verdi, se bem que caracterizado por bem distinta individualidade. Não tinha grande largueza nas ideias, mas desenvolvia-as com suma habilidade. (...) A orquestração de Pinto não é pitoresca (...), mas é nutrida e brilhante como não é possível mais” (Vieira,1900:178).

Sobre este italianismo nas suas composições, justificava-se o compositor:

“(...) não tenho composto por avidez de riquezas, honras, dignidades, louvores ou fama, mas sim pela constante necessidade de trabalhar para manter a minha família” (Vieira,1900:178).

O terceiro compositor, Luciano Xavier dos Santos, é outra figura de relevo nacional do século XVIII. A sua vida musical decorreu ao serviço da Capela do Palácio da Bemposta (hoje, Academia Militar), conhecido como Palácio da Rainha, passando, após a morte de Catarina de Bragança, viúva de Carlos II de Inglaterra e filha de D. João IV, e quem o mandou construir, a ser o Palácio do Infantado. Ocupou aí o lugar de mestre e de 1º organista, até à sua morte, em 1808.

Ainda Ernesto Vieira que legou uma importante colecção de composições dele (onde não consta esta obra), diz de Luciano Xavier:

“Era hábil no estilo religioso da escola napolitana. Manifesta-se nessas partituras a profunda ciência técnica, pelo óptimo trabalho da harmonia e do contraponto, pela propriedade da expressão e pela nobreza da melodia, sóbria e larga, sem vulgaridades nem repetições. Luciano Xavier trabalhava certamente com muita facilidade mas sem precipitação, como se reconhece pela sua caligrafia, clara e corrente, sem emendas nem lapsos” (Vieira, 1900:277).

¹⁵ Um precursor da musicologia portuguesa, pedagogo, flautista e compositor (1848-1915).

E ficou para último o quarto compositor, pela especificidade das suas duas obras aqui guardadas, dois salmos, o 113 e o 150, respectivamente, *Laudate Pueri* e *Laudate Dominum*.

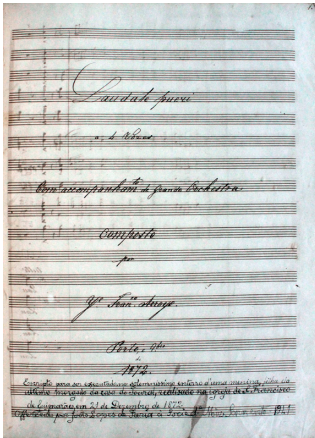


Figura 3 - *Laudate Pueri*.(SMS)

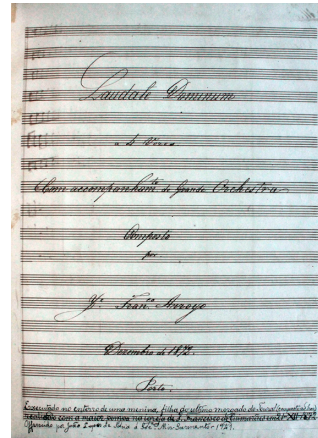


Figura 4 - *Laudate Dominum*.
(SMS)

José Francisco Arroyo, um basco a viver no Porto desde muito novo e onde assentou praça num dos regimentos aí aquartelados, tornou-se um exímio clarinetista e um bom compositor. Em meados do século, numa visita real de Fernando II, compôs uma cantata para essa visita, que foi muito elogiada pelo rei que lhe ofereceu uma “abotoadura de brilhantes” (Vieira, 1900:55). Tornou-se um compositor de referência nortenho e são dele estas duas composições dos salmos que têm a particularidade de terem sido compostos para uma fatalidade na vida de um dos grandes mecenas musicais de Guimarães, da segunda metade do século XIX, João Vieira Nápoles (para abreviar os seus 13 apelidos) quando, em 1872, lhe faleceu uma filha. Mais conhecido por «Fidalgo do Tournal», pelo seu palacete aí se situar (entre a basílica de S. Pedro e a Rua D. João), foi de tal modo pródigo com as artes que acabou na penúria, tendo falecido em Vizela, enterrado em campa rasa, sem qualquer referência à sua importância cívica e de mecenas. Compôs o salmo *Laudate Pueri* (louvai o Senhor, crianças) para a Missa¹⁶ e o *Laudate Dominum* (Louvai

¹⁶ Na capa, aparece a informação de Lopes Faria: «Escrevto para ser executado no solenissimo enterro d'uma menina, filha do ultimo morgado da casa do Tournal, realisado na igreja de S. Francisco de Guimarães, em 21 de Dezembro de 1872.»

o Senhor)¹⁷, para o Funeral. Foi o grande vimaranense João Lopes Faria, ainda tão desconhecido dos seus conterrâneos, quem ofereceu a esta Biblioteca as duas obras que aqui ficam referenciadas.

Como epílogo e, como nova manifestação de respeito e homenagem a Manuel Faria, finaliza-se com a apreciação que este grande compositor faz dos espólios desta música, a propósito da que catalogou no Seminário Conciliar de Braga e por causa das suas evidentes características italianizantes:

“Manifestei (...) uma certa reticência a respeito do valor artístico de todas estas obras musicais. É que (...) em todo o séc. XIX a música sacra portuguesa estava toda pautada pelo estilo teatral italiano, o que, ao tirar-lhe autenticidade, lhe secava também a veia da vida interior. O poder da moda era de tal ordem, que, em todo o mundo de então, só altos espíritos possuídos de génio criador lhe conseguiam resistir, e mesmo assim, em obras de tal dimensão, que as afastavam do alcance dos simples amadores, como eram todos aqueles que se preparavam acima de tudo para a vida sacerdotal. O mau gosto generalizava-se de tal modo, que arrastava no seu torvelinho não só os bem intencionados, mas até muitas pessoas dotadas de verdadeiro talento” (Faria, 1981:448).

Esta apreciação de estilo de Manuel Faria não invalida o valor histórico documental deste património musical de que aqui se abriu uma nesga da porta que, espera-se, seja escancarada e ponha a claro e disponíveis estes espólios que são da cidade, e um pouco a sua vida musical, mas que descansam há tempo demasiado no pó dos arquivos e bibliotecas.

Seria louvável um projecto que, buscando apoios locais, nacionais e internacionais, permitisse uma catalogação dos três espólios principais da cidade que ainda a não conseguiram: Sociedade Martins Sarmento, Real Colegiada de Guimarães e Arquivo Municipal Alfredo Pimenta para, numa segunda fase, se poderem seleccionar obras representativas da vida musical da cidade e fazê-las interpretar numa perspectiva de preservação patrimonial.

¹⁷ A informação de Lopes Faria: «Executado no enterro d'uma menina, filha do ultimo morgado da casa do Tournal (composto ad hoc), realizado com a maior pompa na igreja de S. Francisco de Guimarães, em 21-XII-1872.»

Bibliografia:

- Alvarenga, João Pedro (1997/98). «Domenico Scarlatti, 1719-1729, o período português» in *Revista Portuguesa de Musicologia*, 7-8. Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências Musicais.
- Borba, T. e Lopes-Graça, F. (1958). *Dicionário de Música* (ilustrado). Lisboa: Edições Cosmos.
- Boyd, Malcom (1986). *Domenico Scarlatti-Master of Music*. London: Weidenfeld & Nicolson.
- Corbin, Solange (1952). *Essai sur la Musique Religieuse Portugaise au Moyen Âge*. Paris: Société d'Édition «Les Lettres» (Publié sous le patronage de l'Institut Français au Portugal).
- Faria, João Lopes (1933). *Efemérides Vimaranenses*, Vol. II. Manuscrito da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, em 4 volumes.
- Faria, Manuel Ferreira (1981). «O espólio Musical do pequeno Seminário de Nossa Senhora da Oliveira» in *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*. Actas, vol. III. Guimarães: Câmara Municipal.
- Ferreira, M. Pedro (2012) coord.. *Harmonias do Céu e da Terra*. Guimarães: Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM) de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Jordan, W. D. (1986). «Os Fragmentos Musicais do Arquivo Alfredo Pimenta». *Boletim de Trabalhos Históricos* nº 37 (1986)
- Jungmann, J. A. (1962). *A Liturgia da Igreja*. Porto: Livraria do Apostolado da Imprensa.
- Kirkpatrick, Ralph (1953). *Domenico Scarlatti*. Princeton: University Press.
- Magalhães, E. e Cachada, A. (2014). *Hinos e Marchas Históricas de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Musical de Guimarães e Fundação Cidade de Guimarães.
- Magalhães, Eduardo (2001). *Os Livros de Cantochão dos séculos XVI e XVII do Museu Alberto Sampaio*, Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras.
- Vieira, Ernesto (1900). *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes*. Lisboa: Tipographia Mattos Moreira & Pinheiro.